

Os sertões e os viajantes: fragmentos
da Zona da Mata mineira no século
XIX

*The hinterlands and the travelers: frag-
ments of Zona da Mata in the nineteenth
century*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v11i21.51784>

Rafael Laguardia

Universidade Salgado de Oliveira
<https://orcid.org/0000-0001-7998-2665>
rafaellaguardia1@gmail.com

Vitória Schettini

Universidade Salgado de Oliveira
<https://orcid.org/0000-0002-3262-9538>

Resumo

O final do século XVIII e todo século XIX caracterizou-se por uma presença marcante de cronistas e naturalistas que percorriam o interior do Brasil com o objetivo de mapear a população, catalogar a fauna e flora, perceber os hábitos, os costumes e observar a forma de ser dos que aqui residiam. Há de se convir que apesar de terem uma visão advinda de seu país e possuírem uma visão europeizada, muitos destes viajantes contribuíram para um melhor entendimento do Brasil como um todo. A fim de compreender melhor a região da Zona da Mata mineira, faremos um exercício de aprofundar na temática sobre a ótica de alguns viajantes, especialmente Saint Hilaire e Spix e Martius que abordam a região e se esforçam para conferir sentido e inteligibilidade a uma região e um conceito.

Palavras-chave

sertões; viajantes; Zona da Mata Mineira

Abstract

The end of the eighteenth century and throughout nineteenth century was characterized by a strong presence of chroniclers and naturalists who roamed the interior of Brazil in order to map the population, catalog the flora and fauna, see the habits, customs and to observe the way being of those who lived here. Is really important considering that, despite an arising vision of their country, and they have a Europeanized view, many of these travelers have contributed to a better understanding of Brazil as a whole. In order to better understand the Zona da Mata region of Minas Gerais, we will carry out an exercise to delve deeper into the topic from the perspective of some travelers, especially Saint Hilaire and Spix and Martius who address the region and who strive to give meaning and intelligibility to a region and a concept.

Keywords

hinterlans, travelers, Zona da Mata Mineira

Introdução

Embalados pelo iluminismo, o século XVIII desvelou definitivamente as transformações econômicas, sociais e culturais e que acabou por gerar uma série de mudanças científicas aos países envolvidos pela ilustração. O projeto político de consolidação do Estado imperial e a construção da nacionalidade brasileira, inspirados no modelo iluminista dos estados nacionais, acabaram por dar luz a uma série de investimentos nas artes, nas ciências, na literatura, na história e na geografia, visando aproximar o Brasil das nações civilizadas¹

Saint Hilaire informa que o Brasil se abre após 1808², com a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, novos traços à vida do “brasileiro” foram introduzidos visando uma maior civilidade do Novo Mundo. Mudanças mais marcantes são vistas após a transferência da corte, a abertura dos portos às nações amigas. Mas, principalmente após o fim das guerras napoleônicas percebe-se um movimento maior de entrada de estrangeiros, e de maneira mais específica, de viajantes e naturalistas que percorreram o interior do Brasil contratados pelo governo do Império a fim conhecer a natureza tropical e a sociedade brasileira.³

Dentre os viajantes, recorreremos àqueles que não só se destacam em grande bibliografia sobre o assunto, mas principalmente aos que percorreram ou discutiram os espaços dos sertões do leste das Minas Gerais, particularmente os rios Doce e Pomba. Assim, o botânico *Augustin César Prouvençal de Saint-Hilaire*, bem como os viajantes Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius são importantes referências para esse texto. Isto porque, o francês produziu uma variada e ampla obra, visitou as províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e a república Cisplatina. Por percursos, picadas e caminhos, Minas Gerais foi a primeira etapa de sua viagem:

Foi a província de Minas Gerais que percorri em primeiro lugar com minuciosidade, e começarei por fazer conhecida esta província que tornam tão digna de interesse as riquezas que em outro tempo possuiu, as que ainda hoje encerra, a imensa cadeia de montanhas que

1 COSTA, Célia. O Arquivo Público do Império: o Legado Absolutista na Construção da Nacionalidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, n.26, 2000.

2 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*; tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. P. 3.

3 BARREIRO, J. C. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

a percorre a variedade de sua vegetação, a inteligência notável dos habitantes e as tribos indígenas que margeiam suas fronteiras.⁴

E, ainda, “não me limitei a seguir os caminhos frequentados, internei-me pelos lugares mais desertos, e estudei as tribos indígenas”. Por isto e mais, o autor recebeu grande atenção de autores clássicos. Saint-Hilaire viajou a Minas Gerais por pelo menos três vezes, mais do que outras regiões do Brasil, concentrou atenção a Minas nos primeiros anos de sua viagem e, ao final de todas, as viagens pelo Brasil, tornou-se membro da *Academie des Sciences* em 1830. Sua leitura sobre temas que se desatacavam é parte importante da compreensão daquela sociedade mineira e sua lógica de organização.

Igualmente, são evocados os alemães, Spix e Martius, parceiros de viagens, são aqui identificados também por percorrerem os sertões do leste das Minas Gerais, e mais diretamente o rio Pomba, e apresentarem interessantes pontos de vistas sobre os temas centrais desse texto. Outros viajantes são citados, tais como, Johann Emanuel Pohl; Jean-Baptiste Debret e, finalmente, Johann Moritz Rugendas. Apesar de menor participação nesse texto, refletem a extensão e importância de algumas temáticas, e suas leituras são usadas de forma comparativa identificando aproximações e distanciamentos de interpretações.

Esses viajantes relatam traços marcantes da vida cotidiana dos escravos, dos índios, da população de maneira geral, do território, das florestas, das tropas, da produção e das técnicas agrícolas, da economia, além de outros detalhes. Fazem isto, na grande maioria, de forma descritiva ou mesmo dialógica, narmando em alguns casos de maneira densa e outras vezes de forma sucinta o que encontravam pelo caminho.

Ao chegar às terras brasileiras, cronistas, naturalistas, cientistas, pessoas de variadas profissões e nacionalidades passaram a visitar cidades, vilas, fazendas e áreas rurais, mas também buscavam explorar outros espaços. Chegavam a lugares ainda sem ocupação dita civilizada, como as matas, muitas delas ainda intocadas por essa chamada civilização e pela presença do homem branco.⁵ Rios de cursos indefinidos, de grandes ou pequenas extensões puderam ser mapeados descritos com detalhes ou de forma esquemática. Dados que nos levam a uma próxima viagem ao interior brasileiro.

Nos lombos de burros estes viajantes andaram muitas milhas, cruzaram rios, vales, montanhas e pântanos. As dificuldades de acesso e os grandes espaços

4 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo (1822). Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938a. P.15.

5 SOUZA, Fabúla Sevilha de. Fragmentos da Devastação: uso e aproveitamento da terra goiana no relato de Saint-Hilaire. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior". UNESP/Assis, 2007.

a serem conhecidos e explorados os levaram a buscar a caminhos, passagens e estradas, ainda que inibidas pela hostilidade do meio e do clima, mas nem por isso impossibilitaram-nos de conhecê-lo, quer seja por um guia, por um indígena ou por um conhecedor das terras, que serviria de orientação para a penetração do interior do país.

Algumas regiões tiveram uma presença marcante dessas expedições, como os interessantes relatos de Saint Hilaire, sobre a Serra da Mantiqueira e da área mineradora, outras apenas foram observadas de maneira mais superficial, outras ainda, apesar de serem consideradas áreas de difícil acesso e desabitadas pelo homem branco, mereceram um destaque especial, como os sertões do leste na província de Minas Gerais, nosso recorte espacial.

Há de se convir que durante o final do século XVIII e início do XIX, a presença dos viajantes no leste da Zona da Mata mineira, mais precisamente a área central⁶, não fora efetiva, exatamente por não existir uma concretização da abertura de caminhos por parte do órgão central, o que dificultou o tráfego de pessoas pelas bandas mais próximas à divisa com o norte fluminense e o sul do Espírito Santo, região fronteira com algumas freguesias do sertão mineiro, como Santa Luzia do Carangola, Tombos do Carangola, São Paulo do Muriaé, Divino do Espírito Santo, São Sebastião da Cachoeira Alegre, São Francisco de Assis da Capivara, São Sebastião da Mata, mas nem por isto deixaram de ser mencionadas por estes viajantes, mesmo que de forma superficial. Porém, quando se trata dos relatos mais próximos ao Caminho Novo⁷, como Matias Barbosa, Simão Pereira, Paraibuna, São João Batista do Presídio e Rio Pomba, estes fragmentos são melhores descritos, com precisão em seus detalhes, inclusive na cartografia.

6 Ângelo Alves Carrara distingue, a partir da análise de fontes cartoriais, três sub-regiões da Zona da Mata mineira caracterizadas à partir de sua economia. Para o autor, os sertões do leste mineiro, como Rio Pomba, Ervália, Guiricema, Visconde do Rio Branco, Senados Firmino, Ubá, Mercês, Rio Espera, Viçosa e Teixeiras, participavam da região central, constituídos da margem esquerda do Rio Pomba até o vale do rio Doce, e daí para o leste até o limite com o Espírito Santo. Eram ocupados por 40% de superfície aproveitada por lavouras, com média de 34 habitantes por km² e propriedades inferior a 35 hectares.

7 MAPAS da região de encontro entre os atuais estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, e do curso do Rio São Francisco. [17--]. 3 mapas ms, desenho a tinta ferrogáfica, 52,5 x 64. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart543743/cart543743.pdf. Acesso em: 20 Jul. 2023. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart543743/cart543743.html. Acesso em: 20 Jul. 2023.

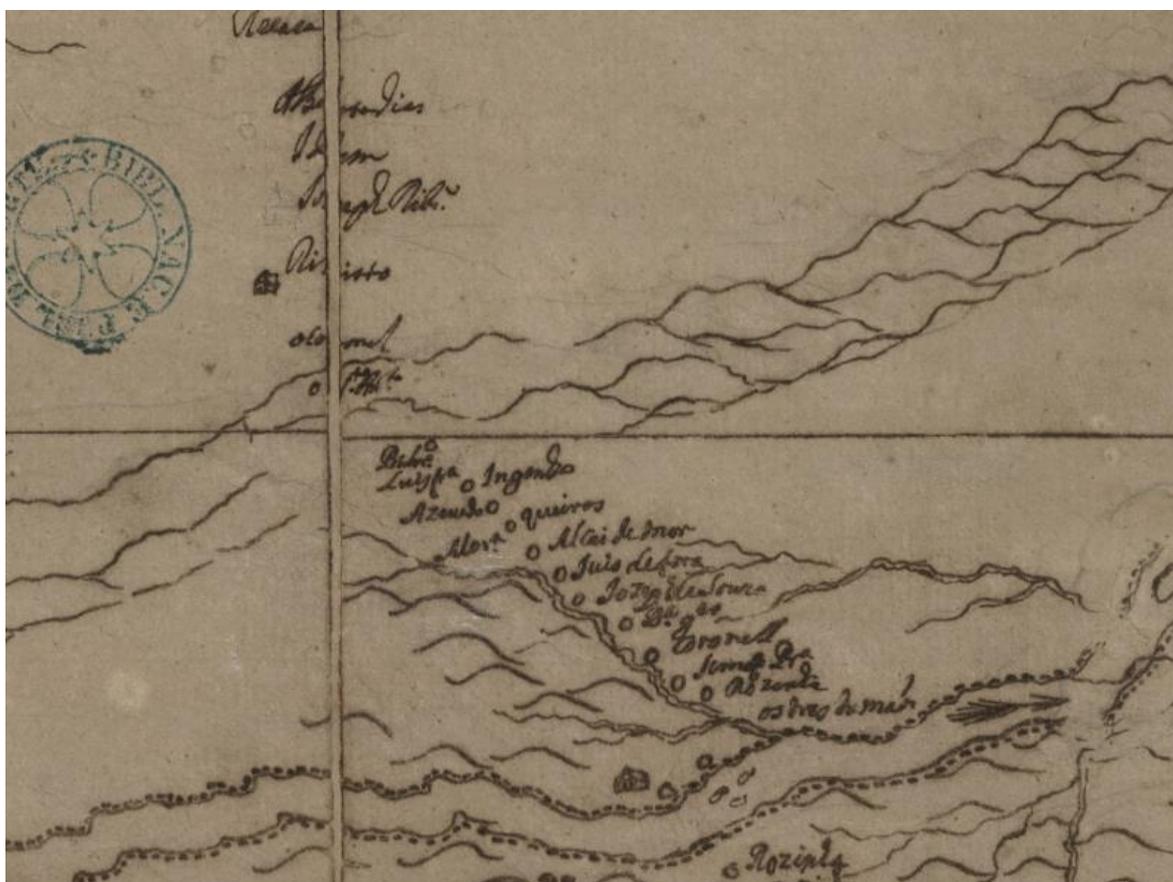


Figura 1: Parte do Caminho Novo

MAPAS da região de encontro entre os atuais estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, e do curso do Rio São Francisco. Autor anônimo. [17--]. Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

No detalhe da cartografia histórica, Figura 1: Parte do Caminho Novo, desde o século XVIII, o Caminho Novo marcado pelos nomes de proprietários de terras e os desafios de cruzar a serra e o rio Paraíba do Sul. No entanto, a leste do Caminho Novo, o “vazio” e a falta de informações dessa cartografia histórica específica representa o sentido do sertão para muitos dos viajantes, a solidão e o assombro. Quando representados, na cartografia, a ausência de caminhos e paragens significavam o desconhecido, e esse desconhecido pode ser relacionado a presença de povos indígenas.

Ainda assim, os registros e informações que os viajantes ansiavam motivaram a cruzar a Mantiqueira para que pudessem conhecer esse sertão. Uma mata cheia de desconhecido e envolta de contos que povoavam o imaginário, na qual crescia vagarosamente os fogos e as fazendas, onde as vilas tomavam

tons de “civilidade”. Aventureiros de todos os cantos, curiosos, vadios, homens etnicamente e economicamente diferentes chegavam à região e se deparavam com os nativos, o que refletiria diretamente em questões econômicas e ambientais e, portanto, na forma de ser da população que ali se instalava, diferente dos nativos e seu tempo cíclico das estações do ano, que eram desqualificados e místicos. Conforme Barreiros, os viajantes estudavam o ambiente pela lente da modernidade europeia para compreender e planejar o futuro desse território e seu povo.

Assim, tendo em vista um maior aprofundamento da Zona da Mata mineira, nosso objetivo será um exercício de pinçar alguns traços, relatos e/ou fragmentos daquilo que os viajantes designavam de sertão do leste no que diz respeito à mata, à natureza e ao povo residente para entender como essa leitura pela lente da modernidade pode ser usada para o entendimento de uma determinada região. Há de reforçar que por mais de um século, a terra desta região permaneceria com uma vegetação quase que intocável e marcante presença de indígenas, apesar das matas serem caminho para negociantes, sonegadores e contrabandistas que circulavam entre São Paulo e Rio de Janeiro para o interior mineiro em busca de pedrarias e metais preciosos.

Os sertões do Leste da Zona da Mata

O nome de sertão ou deserto, não designa uma divisão política de território; não indica senão uma espécie de divisão vaga e convencional determinada pela natureza particular do território e, principalmente, pela escassez de população. O sertão compreende, nas Minas, a bacia do S. Francisco e dos seus afluentes, e se estende desde a cadeia que continua a Serra da Mantiqueira ou, pelo menos, quase a parte dessa cadeia até os limites occidentaes da província.⁹

Com estes dizeres, Augusto de Saint Hilaire descreve o sertão mineiro. O autor apresenta este espaço com terreno ondulado, cortado por algumas montanhas e salpicado de pântanos, catingas por diversas áreas, população rarefeita e vastidão terrena. Devido ao seu isolamento, era considerado um lugar de asilo para criminosos perseguidos pela justiça¹⁰. Quando o autor visita Barbacena, freguesia localizada próximo aos sertões do leste, chama-nos a atenção para a cadeia de montanhas existente na Mantiqueira. Aponta para um perfil muito diferente do caminho que havia percorrido anteriormente.

8 BARREIRO, J. C. Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Editora UNESP, 2002

9 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... Op. Cit. P. 247-248.

10 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... Op. Cit. P. 249.

Localizada na extremidade das florestas, o autor afirma surpreender com a cidade, que poderia, inclusive, ser rival das cidades francesas¹¹.

Essa alteração na paisagem é abordada, também, quando da passagem de Saint Hilaire pela região limite entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Próximo a Matias Barbosa, o viajante afirma que as matas virgens não podem ser julgadas fora do entendimento da natureza do terreno e da elevação do solo. Assim, as matas não são absolutamente idênticas umas das outras, mas varia de região para região¹².

Há de convir que o viajante acima mencionado muito contribuiu para a compreensão do Brasil, seja com a coleta e catalogação de material orgânico e mineral, seja com os relatos e dados etnográficos, da fauna, da flora, da composição geográfica e das características sociais e econômicas da população de cada Província visitada.¹³

De acordo com o naturalista, o conceito de sertão possuía uma compreensão muito mais ampla do que se imaginava, mesmo para o período colonial, que se fragmentava em espaços diversos. Relatos de áreas despovoadas, incultas, sem sinal de criações, profunda solidão e uma tediosa monotonia são evidenciados no autor. Sítios e casebres pobres, de gente humilde, rodeados de seriemas, pacas, tatus, formigas, insetos, galináceos, onça que se ouve urros, e ainda, uma série de outros animais, são retratados, dando um tom literário às suas narrativas¹⁴.

Núbia Braga Ribeiro afirma que a designação para o termo sertão está ligada a uma representação espacial, geralmente denominado pelos viajantes como um recorte geográfico e não um lugar em específico, como: “terrenos desconhecidos”, “áreas perigosas”, “terrenos habitados por índios”. São discursos produzidos a partir de uma leitura da realidade que tem o índio como um entrave à civilização, o que acaba por gerar a contradição entre a cidade vista como local moderno, de homens estudados, cultos e de sucesso e o rural como espaço arcaico, obsoleto e atrasado¹⁵.

Nesta perspectiva, Saint Hilaire não isenta os sertões das possibilidades de desenvolvimento no futuro ligando-o ao crescimento econômico, seu vínculo com outros espaços e a possibilidade de mais terras cultivadas. Ou seja, como bem demonstrou Barreiro, o francês realiza sua leitura de mundo pelo con-

11 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... Op. Cit. P. 114-115.

12 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... Op. Cit. P. 32.

13 Muito embora o naturalista seja discutido nas academias, de acordo com Lorelai Kury (ver referências bibliográficas), ainda é um desconhecido pelo fato de serem ainda poucos os estudos sobre sua vida e de sua obra.

14 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... Op. Cit. P. 363.

15 RIBEIRO, Núbia Braga. Terra adentro: os sertões dos índios e das riquezas na colônia. In: História & História. Campinas, 2009. ISSN 1807-1783.

ceito de modernidade, “Com o tempo, esta região deixará e ser deserta. Novos recursos, e, com o tempo, restar-lhe-ão sempre gordas pastagens, terras férteis que, navegável em sua imensa extensão, estabelecerá úteis comunicações entre o país e o Oceano”¹⁶.

“Embora as diversas partes do Sertão de Minas tenham entre si muitas analogias, percebe-se, todavia, que devem apresentar diferenças conforme as latitudes, a elevação, do solo, etc.”¹⁷. Deriva daí a importância de reforçar a ideia de que os sertões são variados e que devem ser analisados de maneira a perceber esta variedade.

O viajante austríaco Johann Emanuel Pohl refere ao termo sertão como área perdida, escondida nos sertões das Gerais¹⁸. Para os naturalistas Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius, a palavra sertão é definida como área de rala população, vastidão rarefeita do interior do Brasil, desértica, não litoral, com uma linguagem usual¹⁹. Durante a expedição estes viajantes “se deleitavam na contemplação do país, cuja doçura, cuja variedade encantadora e cujo esplendor superam muito todas as belezas naturais”²⁰.

A cobertura vegetal das matas nesta região era tão presente, que acabou por derivar seu título dentro das doze mesorregiões de Minas Gerais. Era as matas sua característica geográfica mais marcante, o que levou ser conhecida pelo nome de *sertões de leste*, servindo de inspiração para alguns trabalhos históricos, geográficos e literários.

Outro viajante que contribui para o entendimento da região é Jean-Baptiste Debret. O autor fornece alguns traços desta paisagem dos sertões, enaltecendo a presença dos índios purís e coroados. Para isto, traços culturais e geográficos dos nativos são trazidos à narrativa. “Esses indígenas eram ainda selvagens, nas solidões que se estendem desde o mar e a margem setentrional do Paraíba, até o Rio da Pomba, na Província de Minas Gerais”²¹. Johann Moritz Rugendas vai pelo mesmo caminho de Debret e traz esta paisagem baseada nos hábitos e costumes da população que ali habitava²².

16 BARREIRO, J. C. Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Op. Cit. P. 378.

17 SAINT HILAIRE. Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro... Op. Cit. 1938c. P. 248.

18 POHL, Johann Emanuel. Viagem ao do Brasil. São Paulo: Edusp, 1976. Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte, 1897. P. 249 e P. 287.

19 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, v. II. P. 50

20 LISBOA, Karen M. A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1987.

21 DEBRET, Jean B. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975. P. 42-43.

22 RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil. São Paulo: Martins Brasil, 1976. P. 82-118.

Assim sendo, de acordo com Laura Mello e Souza, havia vários sertões²³. Para José João Teixeira Coelho, os sertões estavam ligados aos currais em oposição as minas²⁴, para outros, seu conceito estava ligado aos grupos das nações indígenas, com rala população branca; territórios selvagens, espaços a conquistar, lugar de pessoas incivilizadas, lugar sem identidade política, ainda que possa vir a ter sido reconhecidas algumas vezes.

Como vemos, o conceito de sertão na visão de Saint Hilaire, Pohl, Debret, Rugendas e Spix e Martius está ligado diretamente às matas, aos índios e a ideia de inferioridade ou atraso das populações indígenas em relação aos europeus. Seria o conceito de Sertão oposição ao conceito de modernidade para os viajantes? O próprio Saint Hilaire foi enfático ao afirmar que “embora as diversas partes do Sertão de Minas tenham entre si muitas analogias, percebe-se, todavia, que devem apresentar diferenças conforme as latitudes, a elevação do solo, etc”.²⁵

Segundo Maluly, ao relacionar o estudo com a cartografia histórica:

A “Carta geográfica de Minas Geraes” destaca em determinada parte: “Certão inculto povoado de diferentes /naçoens do Gentio (...)”; em outra: “Certão em que vaga a brava / Gentio Botocudo”; em outra: “Certão povodo do bravo Gentio Puri”; por último: “Certão denominado do Gentio Cueiralho / único competidor com o Botocudo”. Todas essas anotações associam o termo “sertão” com o de “gentio”, indicando uma ligação imediata entre ambos, mas são pouco precisos quanto às descrições. Porém, a preocupação com os botocudos é notória, indicando se inclusive um outro povo indígena que fazia frente a eles, discriminando-se territorialmente a existência de forças diversas e antagônicas.²⁶

Quando as populações nativas eram representadas em seus relatos a dicotomia entre civilizáveis ou indóceis surgia, o que ressaltava a tônica cultural pela lente da modernidade europeia. Na região oriental de que tratamos, os botocudos eram a principal ameaça, citados como bárbaros, hordas, horrendos, “quase sem traços de humanidade”, indolência, rudeza animal, “inclinados a comer carne humana, especialmente a dos inimigos, e, pela crueldade e perfídia, com que se têm oposto até aqui à penetração dos portugueses, e

23 MELLO e SOUZA, Laura. Os desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. P. 15-16.

24 COELHO, José João Teixeira. Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais. Organização. Belo Horizonte: Secretária de Estado de Cultura, Arquivo Público Mineiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2007. P. 60, 192, 239.

25 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo (1822). Op. Cit. P. 248.

26 MALULY, V. S. Auguste de Saint-Hilaire e os territórios de exceção (Minas Gerais, 1816-1817). PatryTer, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 266-280, 2020. DOI: 10.26512/patryter.v3i6.27958. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/27958>. Acesso em: 2 dez. 2023. P. 274.

tornado pouco segura a navegação no rio Doce, constituem o terror das vizinhanças”²⁷.



Figura 2: Sertão do Leste da Zona da Mata Mineira e grupos indígenas “Carta geográfica de Minas Geraes”, de autoria anônima, 1746-1759. Fonte: Biblioteca Nacional.

Assim sendo, a relação nativos e sertão parece acertada e a conquista do sertão passa pelo enfrentamento a resistência estabelecida pelos nativos. Esse era o dever dos colonizadores, o Sertão deveria deixar de sê-lo em prol da modernidade. Para ocupação dos Sertões do leste mineiro, a fim de promover o aproveitamento econômico e o povoamento das regiões afastadas, a administração de Dom João VI promove uma política de “pacificação” e catequização dos índios da região.

A presença e “indocilidade” dos botocudos ao longo do rio Doce era conhecida de longa data. Desde a chegada da Corte a estas paragens, por ocasião da fuga de Napoleão, Sua Alteza Real, conclamava uma guerra se dava em busca de explorar essas terras, povos e promover as ambições econômicas de

27 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, v. II. P. 73

uma Corte que acabara de perder o controle de Portugal. Dom João VI reclamava, aliás contraditoriamente, da ambição de Napoleão ao mesmo tempo que ambicionava explorar as riquezas do sertão mineiro. Coube ao Diretor Geral dos Índios, Guido Thomas Marlière, povoar e fundar um estabelecimento para os índios purís e coroados nos sertões do leste, levantar uma Igreja para eles e demarcar suas terras, desde que fossem bastante para sua cultura e sustento. Foi em meio a esse contexto que, em 1813, chegou à região do Presídio de São João Batista – atual município de Visconde do Rio Branco.²⁸



Figura 3: Detalhe da área do Presídio de São João Batista, XIX.

Fonte: ANRJ. Carta topográfica dos termos do Presídio, Pomba e São João Nepomuceno, com notícias do país que deles segue até o mar pela costa oriental. [TEODORO, João José da Silva]. Localização: F2/MAP 04.

²⁸ De acordo com a Revista do Arquivo Público Mineiro, 1897:16-17.

O detalhe da cartografia histórica apresenta ao centro a localização do Presídio de São João Batista e sua delimitação administrativa entre outros elementos, o que chama a atenção é o preenchimento dos espaços com nomes ao longo dos cursos dos rios, a nomeação pode ser vista como uma estratégia de mostrar um espaço ocupado e conquistado, possivelmente resultado do trabalho de Marlière, conforme citado Saint-Hilaire, “Marlière deu aos luso-brasileiros a posse de uma extensão imensa de florestas...”²⁹ O viajante cita e qualifica o amigo Marliere com todo o esforço “civilizatória”. Ao longo de todo seu texto elogios são tecidos e ressalta, “fez aos índios todo o bem que lhes podia fazer”. No entanto, Marlière concedia as terras que antes eram usufruídas pelos povos indígenas da região e então, “diante do bem que lhes foi feito”, foram alocados em aldeamentos delimitados.

O caminho, as matas e população dos sertões do leste mineiro

Ao descrever o caminho pelo qual Saint Hilaire percorreu, o autor traz uma série de descrições para a compreensão da região. “O caminho desenha-se, entre as montanhas, descrevendo sinuosidades que se distinguem pelas cores menos escuras”, e continua, “a mata virgem que se atravessa apresenta todos os característicos vegetais, os mais variados e grandiosos”³⁰.

Ao chegar à região de Ibitipoca, próximo a Matias Barbosa, o autor enaltece a importância da localidade enquanto região fronteiriça das províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao ressaltar o local como abrigo para os tropeiros e de possuir um posto policial de vigilância para o comércio ilegal de ouro³¹. Pelo visto, devido às cadeias de montanhas e dificuldade de penetração, o autor destaca a serra do Ibitipoca não como pico isolado, mas sim um contraforte proeminente de cadeia de montanhas que cruzara do Rio de Janeiro até Minas³², que contracena entre mata virgem e árvores cortadas, que é substituído, vez em quando pela capoeira.

De acordo com Saint Hilaire, “só se empregam bestas de carga no transporte das mercadorias que sahem da província das Minas e das que os habitantes

29 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo (1822). Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938a. P. 203.

30 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo (1822). Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938a. P. 30-31.

31 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... 1938a Op. Cit. P. 40, 63 – 64.

32 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... 1938a Op. Cit. P. 59.

dessa província importam da capital”, na qual dá-se o nome de tropeiros³³. Em alguns momentos, percebe-se neste caminho uma estrada quase ensaiada, enquanto em outros locais, trilhos que nem mesmo um animal equino poderia tráfegar com facilidade, em algumas ocasiões tendo de usar de outros recursos, como os rios e longas caminhadas.³⁴ A intensificação do movimento nesta estrada se faz a partir do momento em que há um aumento do comércio em consequência da extração aurífera e o crescimento das vilas que pelo caminho se forma. Isso acontece com os caminhos oficiais, autorizados pela Coroa, diferente das chamadas áreas proibidas, como os sertões do leste.

Alguns elementos básicos são observados na exuberância das matas. As árvores frondosas, com pouca luz solar, “com seus galhos entrelaçados formam uma abóboda impenetrável aos raios de sol”. A presença do rio traz uma temperatura agradável, fresca, que é contracenado com o perfume das melastomáceas, cujas flores brancas, dispostas em ramalhetes delicados, contrastam com o verde escuro das plantas vizinhas³⁵, e ainda, a presença das cássias e algumas poucas rubiáceas³⁶. As matas do leste são apresentadas pelo autor recheada de variedades de plantas. Pelo que relata, Saint Hilaire chega a catalogar uma variedade de cem espécies na Serra de Ibitipoca³⁷.

Seguramente, estas matas tropicais causariam espanto, medo e ainda satisfação em contemplá-la. A floresta é descrita repleta de árvores gigantescas com cerca de 25 a 30 metros de altura, composta de cedros, perobas, jatobás, dentre outras. Se vista de cima para baixo, parecia em alguns locais uma copa abaulada de modo a se misturar com cipós, folhas e galhos. De baixo para cima, espécies raras da flora eram observadas, como: orquídeas, bromélias, samambaias; além de uma exuberante fauna: jaguatiricas, micos, muriquis, tatus, borboletas, pássaros, além de muitas nascentes. Vozes ocultas e confusas que geravam ruídos diferenciados. “Esta voz do deserto, não é mais do que uma expressão de temor, de dor e de prazer que parte de seres diferentes”.³⁸

Spix e Martius ao se referir as matas, também realçam o ambiente local como região de variedade de flores de todos os matizes, que se liga a árvores gigantescas umas as outras, nas quais se elevam fetos, formando majestosas alamedas frescas, que encanta os viajantes que por lá passam. Observa-se gritos de papagaios, o martelar do picanço ou os urros dos monos.³⁹

33 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... 1938a Op. Cit. P. 70.

34 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... 1938a Op. Cit. P. 51.

35 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... 1938a Op. Cit. P. 46.

36 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... 1938b. p. 64.

37 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro... 1938c Op. Cit. pp. 40-69

38 SAINT HILAIRE. Augusto de. Viagens pelas Províncias... Op. Cit. pp. 20-22

39 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, v. II. P. 237.

Ao chegar a São João Batista do Presídio, os viajantes acima descrevem o perfil da vila e arredores: a localidade constava na ocasião com umas trinta casas, que eram cercadas de espessas matas virgens, e nos sítios cercados de roças. Ali encontrou o quartel-general de Marlière. “Essas florestas virgens, de galhos entrelaçados, em cujo interior reinam trevas eternas, são de apavorar a alma; não ousamos ali penetrar sem acompanhamento de soldados bem armados, conservando-nos sempre juntos”⁴⁰ o que contrasta com a “pacificação” dos índios que Saint Hilaire menciona citando Marlière, “Quanto ao medo que havia, antigamente, dos botocudos deve estar agora inteiramente afastado porque, pelos cuidados do senhor Guida Thomas Marlière, esses indígenas se tornaram amigos dos luso-brasileiros”⁴¹.

Os mesmos autores trazem, assim como Saint Hilaire, uma variedade de animais, como insetos, escaravelhos, borboletas, aves silvestres e diversos e raros mamíferos, tal como o tamanduá-pixuna, além de várias plantas medicinais, como a poaia, achada em abundância e que era extraída pelos índios que lá habitavam, e ainda reforçam os baixos preços das mercadorias, se comparada à Corte.⁴²

Ao chegar próximo à Fazenda Guidoal, reforçam a ideia de dificuldade de penetração via caminho. A estrada percorrida, apesar de ser um pouco mais desbastada do que próximo ao quartel, mal parecia que eles chegavam à morada do diretor-geral, tendo de pular em cima de covas e buracos, sem contar com a mata que servia de assombração aos viajantes, chegando a ouvir os mais tenebrosos roncões de feras, que geravam uma situação de prazer e terror.⁴³

Ricas guirlandas das mais belas trepadeiras entrelaçavam as árvores. Junto a este cenário, “índias nuas, toda pintada com desenhos de tinta azul-escura” embelezavam a região. “Cabelos compridos, negros caíam-lhe nas costas moreno-avermelhadas. Corpos pintados, rostos decorados, cabelos brilhantes, figuras diversas, colar de dente de macacos, e traziam representações do meio em que viviam, mas que ficaram assustadas ao vê-los”⁴⁴. Os autores nos fornecem fragmentos idealizados destes moradores do leste mineiro.

Mesmo não se tratando neste ensaio sobre devastação ambiental, notamos que estas matas, composta de uma cadeia de montanhas, eram trazidas pelo Barão von Eschwege - que aliás auxiliou Spix e Martius em sua viagem com troca de informações e caminhos a percorrer ou a evitar - como um sinal de

40 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil Op. Cit. P. 238.

41 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo (1822). Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938a. P. 189.

42 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, v. II. P. 238.

43 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil Op. Cit. P. 240.

44 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil Op. Cit. P. 234-244.

graciosidade somente quando não havia sinais de atividade humana. Para o geólogo contratado pela Corte, a ação humana e o mau uso do solo e da madeira, fizeram com que esta floresta, que ora era intocada, fosse alvo de ações humanas que viam nela uma visão utilitarista e não ambiental⁴⁵, enquanto Spix e Martius relatam o uso do mercúrio como amálgama do ouro em pó extraído próximo ao rio Piranga⁴⁶.

Estes moradores eram trazidos por Spix e Martius como na maioria pretos e mulatos, mas com forte presença de vestígios de costumes da civilização europeia. Na venda, além de produtos regionais, como toicinho, açúcar, cachaça, fubá, estava exposto ainda, chitas, rendas, utensílios de ferro e outros artigos. Os índios também são observados de forma minuciosa, ora armados, ora sem armas, e que pareciam viver em boa harmonia com mulatos e negros. Porém, possuíam um jeito desconfiados e arredios, mas que aceitavam algum objeto de troca, como facas, miçangas e outros presentes⁴⁷.

Para os autores, para aldear os índios seria necessário ensiná-los a cultivarem a terra, cuja posse lhes é dada, e incentivá-los a novas relações sociais. Para isto, os índios seriam dispensados dos impostos, e os primeiros anos eram-lhes fornecidos certa provisão de fubá, milho, instrumentos de lavoura, como faca, enxada e machado e deveriam ser considerados cidadãos livres, como também, oferecer proteção e segurança contra a usurpação dos colonos⁴⁸.

Próximo ao rio Muriahe, é relatado à presença dos índios puris, da qual junto aos negros extraíam a poaia que se encontrava em abundância nestes vales, enquanto que, próximo a São João Batista havia em grande quantidade outras plantas medicinais, como o anda-açu bicuiba, pirigaia, butua, salsa e raiz preta, responsáveis por uma série de tratamentos do período⁴⁹.

Já Saint Hilaire reforça a numerosa presença de mulatas nas redondezas de Barbacena e liga-as ao aumento populacional aos tropeiros que por lá passavam. Descreve a forma grosseira com que os negociantes europeus lidavam com o povo em geral, diferindo seu jeito de ser na conservação do que possuem, enquanto os brasileiros eram apresentados mais cuidadosos no trato para com as pessoas⁵⁰.

Quanto aos mineiros em específico, apesar de tecer elogios à sua bondade, se mostrando próximos a eles, estes moradores são descritos possuindo um ar

45 ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. Brasil, novo mundo. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000. (Volume 2). P. 69.

46 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil Op. Cit. p. 235.

47 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil Op. Cit. p. 236-237.

48 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil Op. Cit. p. 237.

49 SPIX & MARTIUS. Viagem pelo Brasil Op. Cit. p. 239.

50 SAINT HILAIRE. Augusto de. Segunda Viagem do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo (1822). Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938a. P.73, 79.

de desconfiança das pessoas, não se expondo com facilidade⁵¹, enquanto que os donos de choupanas são rudes e falta-lhes polidez na qual faz aumentar o número de pobres pelo caminho, existindo pouco artesãos, carreiros e ferradores⁵².

Considerações Finais

O estudo dos relatos dos viajantes é uma atividade importante para questões regionais. Diversos estudos sobre a literatura dos viajantes já foram realizados, e infelizmente, nessas poucas linhas não foi possível abordar todos. Algumas conclusões são bem próximas da noção de que a literatura de viagem como um gênero vai além de relatos factuais, sendo considerada um produto do processo de escrita cultural. O que destaca a importância de analisar textos como construções culturais.

Interessante é que no original Sertão não é traduzido por Saint Hilaire, sintomático na dificuldade de definição ou compreensão. A leitura dos viajantes possibilita-nos observar preciosos dados sobre determinadas regiões e o esforço de compreendê-las a partir de suas próprias visões, particularmente sobre os sertões. Ao que parece, todos eles ficavam encantados com aquilo que viam, descrevendo em minúcias o espaço observado. Mesmo que tenham um olhar preconceituoso, referente ao conceito modernidade Europeia, em relação a este espaço e seus moradores fixados, deve ser leitura obrigatória para todos interessados por estudos regionais.

Dentre todos os viajantes descritos, observamos uma estratégia discursiva bem próxima à exposição, e mesmo a oposição, ao conceito de sertão. Alguns são mais enfáticos ao se trabalhar a região sob o ponto de vista deste conceito, e vê-la como um espaço afastado, distante, desértico, como apresentado por Saint Hilaire e Spix e Martius: Porém, todos eles vislumbram a presença humana como fator negativo no sentido de minimizar ou mesmo escamotear a presença dos indígenas como participante cultural ativo e com pouco sentido.

Obviamente que esta visão dos indígenas e do espaço como atrasado acaba por gerar um modelo para os moradores dos sertões, criando um perfil preconceituoso, limitado e ameaçador. Tanto que os viajantes são unânimes em colocar os nativos numa posição subalterna ao branco, o que referencia esta visão distorcida e preconceituosa da realidade, uma visão a partir de sua vivência cultural.

51 SAINT HILAIRE. Augusto de. Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro... Op. Cit. p. 83, 90.

52 SAINT HILAIRE. Augusto de. Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro... Op. Cit. P. 74,75.

Neste quadro dos sertões, os caminhos percorridos e a descrição do território são peças marcantes para se compreender o espaço que será chamado de mata mineira. Caminhos estes que funcionam como porta de entrada para a região do leste, narrados de forma impecável pela sua exuberância e segredos. Espaço ambíguo, fluido, construído a partir de uma representação simbólica, num jogo de imagens e descrições, meio que idealizado e sonhado, um discurso sobre espaços e pessoas⁵³, mas ao mesmo tempo um vir-a-ser, proporcionando possibilidades vivas de desenvolvimento segundo a lógica econômica europeia.

Fontes

ANRJ. Carta topográfica dos termos do Presídio, Pomba e São João Nepomuceno, com notícias do país que deles segue até o mar pela costa oriental. [TEODORO, João José da Silva]. Localização: F2/MAP 04.

DEBRET, Jean B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Brasil, novo mundo*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000. (Volume 2)

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. CARTA GEOGRAFICA DE MINAS GERAES. Autoria anônima, 1746-1759, disponibilizada pela Biblioteca Nacional em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=2485. Importar tabla

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. MAPAS da região de encontro entre os atuais estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, e do curso do Rio São Francisco. Autoria anônima. [17--]. 3 mapas ms, desenho a tinta ferrogálica, 52,5 x 64. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart543743/cart543743.pdf. Acesso em: 2 Dec. 2023.

⁵³ ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Sertão do Rio Doce*. Edusc: São Paulo, 2005.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. MAPA da capitania de Minas Geraes: com a deviza de suas comarcas. Autoria anônima. [1778?]. 1 mapa ms, col, 43 x 36,5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249867/cart249867.jpg. Acesso em: 2 Dec. 2023.

POHL, Jobann Emanuel. *Viagem ao do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1976. Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte, 1897:16-17.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins Brasil, 1976.

SAINT HILAIRE. Augusto de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo (1822)*. Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938a.

SAINT HILAIRE. Augusto de. *Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro a Minas Geraes (1822)*. Tomo I. Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938b.

SAINT HILAIRE. Augusto de. *Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro a Minas Geraes (1822)*. Tomo II. Companhia Editora Nacional: Rio de Janeiro, 1938c.

SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, v. II.

Referências Bibliográficas

BARREIRO, J. C. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CARRARA, Ângelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata mineira, séculos XVIII e XIX*. Série Estudos, nº2, Mariana: NHED/UFOP, 1999.

COELHO, José João Teixeira. Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais. Organização. Belo Horizonte: Secretária de Estado de Cultura, Arquivo Público Mineiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2007.

COSTA, Célia. O Arquivo Público do Império: o Legado Absolutista na Construção da Nacionalidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, n.26, 2000.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. Sertão do Rio Doce. Edusc: São Paulo, 2005.

KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. In: *Revista Intellectus*. Ano II, *Revista Eletrônica*. Ano II. n.1, 2003. ISSN 1676-7 64

LISBOA, Karen M. A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1987.

MALULY, V. S. Auguste de Saint-Hilaire e os territórios de exceção (Minas Gerais, 1816-1817). *PatryTer*, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 266-280, 2020. DOI: 10.26512/patryter.v3i6.27958. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/27958>. Acesso em: 2 dez. 2023.

MELLO e SOUZA, Laura. Os desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

MELLO e SOUZA, Laura. Famílias de sertanistas: expansão territorial e riqueza familiar em Minas na segunda metade do século XVIII. 1998, p. 15-16 (mimeo).

RIBEIRO, Núbia Braga. Terra adentro: os sertões dos índios e das riquezas na colônia. In: *História & História*. Campinas, 2009. ISSN 1807-1783

SOUZA, Fabíula Sevilha de. Fragmentos da Devastação: uso e aproveitamento da terra goiana no relato de Saint-Hilaire. *Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"*. UNESP/Assis, 2007

Recebido em 4 de dezembro de 2023
Aprovado em 05 de março de 2024